

ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA ESTRUTURA FÍSICA DO BAIRRO DA SERRA, ENTORNO DO PETAR, EM DECORRÊNCIA DA ATIVIDADE TURÍSTICA¹

STUDY OF THE PHYSICAL STRUCTURE TRANSFORMATIONS OF SERRA DISTRICT, PETAR SURROUNDING AREA, IN CONSEQUENCE OF THE TOURISM ACTIVITY

Isabela de Fátima Fogaça²

Universidade Estadual Paulista - UNESP

isafog@hotmail.com

Resumo

O artigo aqui apresentado tem como objetivo geral analisar a origem e a evolução da estrutura urbana do bairro da Serra, no município de Iporanga, estado de São Paulo, considerando os reflexos da atividade turística neste processo. Esse bairro, que se localiza em meio a remanescentes de Mata Atlântica, teve suas origens ligadas à agricultura de subsistência e à exploração de minérios. Desde a segunda metade do século XX, todavia, se constitui em entorno de uma Unidade de Conservação, razão pela qual sofre restrições no uso e na ocupação do solo o que condicionou o turismo como sua principal atividade econômica. Como metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa optou-se por um estudo de caso, com enfoque na análise qualitativa. Como resultados, pôde-se verificar que o turismo exerce grande influência tanto nas relações sociais dos moradores, quanto na estrutura física do bairro; neste último principalmente devido às divisas que a atividade proporciona à comunidade. É igualmente visível a alteração da estrutura original da paisagem em decorrência de novos valores assimilados por aquela comunidade, valores estes parcialmente trazidos pelo turismo.

Palavras-Chave: Turismo; Bairro da Serra; Impactos; Paisagem; Urbanização.

Abstract

The general objective of this paper is to analyze the beginning and evolution of Serra District's urban structure, considering the tourism activity reflections on this process. The Serra District is located on Iporanga City in São Paulo State, at Atlantic Rain Forest, and its origins remain from subsistence agriculture and mining exploration. However, since the second half of 20th century, this area is the surrounding of a Conservation Unity, the main reason because it has been suffering restrictions on soil use and occupation, which turned tourism in its main economic activity. As methodology for the realization of this research, a case study was performed, with focus on a qualitative analysis. As results, it was possible to verify that the tourism has been influencing the local communities relationship and the physical structure of the area, where this last one principally because of income benefits that the tourism's activities reverts to local community. It is also visible the changes in an original view structure because of the new values that the community has gotten, values partially brought for the tourism.

Key-Words: Tourism; Serra District, Impacts; Landscape; Urbanization.

Introdução

O Bairro da Serra está localizado no município de Iporanga/SP e faz limite com a região sul do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)³, constituindo-se na comunidade mais próxima ao parque, particularmente do núcleo Santana⁴, o núcleo mais visitado e estruturado para a visitação do mesmo, e, também, do núcleo Ouro Grosso, bastante visitado por pesquisadores.

Sua origem é ligada à agricultura de subsistência em terras coletivas, em que somente havia as posses, ou seja, ninguém contava com

titulação de suas terras. Serviu como área de abastecimento de alimentos aos garimpos próximos ao rio Ribeira de Iguape, na região onde hoje se encontra o município de Iporanga e seu entorno e, em um segundo momento, como local de pouso e descanso para as tropas que levavam o restante do ouro de Apiaí para Iporanga, de onde seguia viagem, via o Rio Ribeira, para a atual Iguape, onde se encontrava o porto. Mais tarde, este mesmo caminho era utilizado para transportar o chumbo das mineradoras que se instalaram próximas ao bairro da Serra, nas quais grande parte de sua população trabalhava, com exceção de moradores que

continuavam com suas roças, dos palmiteiros ou mateiros, que extraíam vegetais e madeira diretamente da floresta, e dos poucos garimpeiros, que buscavam seus minérios em pequena escala no Rio Betari, rio que cruza o bairro.

Entretanto, a partir da metade da década de 80 por ocasião da real implantação do PETAR, criado em 1958, mas apenas demarcado e “tirado do papel” em 1986, foram impostas ao bairro diversas restrições ambientais que proibiram e, ainda, proibem o desenvolvimento de atividades exploratórias dos recursos naturais e minerais, suas antigas atividades econômicas, fazendo do turismo uma das únicas atividades passíveis de serem desenvolvidas para a geração de renda e para o sustento de sua comunidade local.

Santos (1997a) diz que o espaço é formado por dois sistemas, os sistemas de objetos que condicionam a forma como se dão as ações e o sistema de ações que, por sua vez, leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. Assim, o espaço é uma construção histórica e sua formação é essencialmente dinâmica, ou seja, irá sofrer modificações de acordo com as necessidades e condições em que vivem as pessoas que nele habitam.

No Bairro da Serra, esta relação de sistemas é algo bastante claro, pois a existência de um patrimônio natural e espeleológico significativo condicionou ações no sentido da conservação e resguardo do mesmo; no entanto, dentro desta condição de área protegida, a comunidade que ali residia envolvida em uma estrutura de exploração dos recursos naturais para sua sobrevivência, obrigou-se a buscar outras formas de garantir seu sustento por meio da utilização deste patrimônio, inserindo assim a questão do desenvolvimento da atividade turística.

Já a atividade turística, por sua vez, também teve participação significativa neste processo da relação dos sistemas de objetos e ações e vice-versa, uma vez que para sua implementação houve a necessidade de serem criados objetos novos e adaptados alguns já existentes, assim modificando quase que totalmente a paisagem deste bairro. Ou seja, o espaço natural, apesar de já possuir algumas adaptações, mas ainda com predominância do natural sobre o cultural, sofreu maiores alterações para apresentar condições vitais à sobrevivência da comunidade ali existente dentro da nova realidade em que se encontravam, e por ter se tornado uma área turística, também das comunidades que vêm de outras regiões para desta área usufruir.

Assim, para entender a dinâmica do processo de mudança desta estrutura, este artigo se propõe a analisar a evolução da estrutura urbana do bairro da Serra e o delineamento da influência do fenômeno turístico neste processo de mudança de paisagem e de forma de viver desta comunidade. Utilizou-se de uma análise qualitativa constituída pela interpretação causal ou condicional e pelos elementos e categorias de análise do espaço propostas por Milton Santos.

Também, em uma amostragem não-probabilística, esta investigação, valeu-se de entrevistas com prestadores de serviços turísticos do bairro, representantes da comunidade, não necessariamente participantes da atividade turística, mas que vivem ou viveram no bairro durante muitos anos e presenciaram o surgimento da atividade turística e as conseqüências que a mesma trouxe à sua paisagem e relações sociais, estudiosos da região e representantes de entidades ligadas à problemática, com o intuito de que todo o universo dos envolvidos fosse investigado, além da técnica de observação semi-participante por parte da autora.

Referencial teórico

Para entender a dinâmica do espaço, em especial do espaço turístico, Rodrigues (1997) sugere as categorias de análise espacial propostas por Milton Santos em sua obra “Espaço e Método” e que também, neste trabalho, foram entendidas como as que melhor se aplicavam a análise dos dados, uma vez que, após relacionar os elementos que compõem o espaço (homem, firmas, instituições, infra-estrutura e meio ecológico), o autor apresenta as quatro categorias de análise do espaço (forma, função, estrutura e processo), destacando a interação tanto destes elementos quanto das categorias analíticas, o que se aplica à realidade objeto desta investigação.

Logo, quanto aos elementos do espaço, Santos (1997b:6) define os homens como elementos, “seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso”. Suas demandas, enquanto membros da sociedade, são respondidas, em parte, pelas firmas, que “têm como função a produção de bens, serviços e idéias” e, em parte, pelas instituições que “produzem normas, ordens e legitimações”. O meio ecológico é definido como “o conjunto de complexos territórios que constituem a base física do trabalho humano” e as infra-estruturas, como “o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc”.

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentam seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da 'diversificação da natureza' socialmente construída. (Santos, 1997a:105-106)

Santos (1997b:7) destaca, ainda, que “através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social”. Em outro momento, este autor também evidencia que “sempre que a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos (tanto os novos como os velhos) assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial” (Santos, 1997b:49).

E quanto à análise destas mudanças, lembra que:

são tanto espaciais como econômicas, culturais e políticas, pode ser feita, [...], de um ponto de vista das diversas instâncias da produção, isto é, da produção propriamente dita, da circulação, da distribuição e do consumo, mas também pode tomar como parâmetro outras categorias, por exemplo, as consagradas estruturas da sociedade, isto é, a estrutura política, a estrutura econômica, a estrutura cultural-ideológica, à qual acrescentamos o que chamamos de estrutura espacial. A análise pode, também, adotar como ponto de partida uma outra série de categorias: a estrutura, o processo, a função e a forma (Santos, 1997b:47).

Assim, Santos (1997b:50) propõe as quatro categorias de análise do espaço, nas quais define Forma como “o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, [...], ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão”, governadas pelo presente, o padrão desta forma que, por mais negado no futuro, sempre a integrará. Função, como a “atividade esperada que uma forma, pessoa, instituição ou coisa” exerça (Santos, 1997b:50). Estas duas categorias são bastante afetadas segundo seu idealizador pelos movimentos da totalidade social e transformações das sociedades, pois, para atender às normas

necessárias dessas, os processos se modificam e tais formas ganham novas funções, bem como se alteram ou mudam de valor (Rodrigues, 1997). Fator bastante comum em destinações turísticas e bastante evidente na área objeto de estudo desta pesquisa, por ter passado de uma área de exploração dos recursos naturais para uma área de preservação.

Estrutura como “o modo de organização ou construção” de todas as partes de um todo (Santos, 1997b:50), ou seja, base para elaboração de análises, pois, “da conta do dinamismo espacial presente, expressando a rede de relações” (Rodrigues, 1997:74). E por fim, Processo como a ação que influencia todas as outras categorias, pois implica “conceito de tempo (continuidade) e mudanças”; são “ações contínuas, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer” (Santos, 1997b:50).

Logo, “num dado tempo, num momento discreto, esses ingredientes analíticos podem ser vistos em termos de forma, função e estrutura. Mas, ao longo do tempo, deve-se acrescentar a idéia de processo, agindo e reagindo sobre os conteúdos desse espaço”, portanto, evidencia que “as formas e artefatos de uma paisagem são resultado de processos ocorridos na estrutura subjacente” (Santos, 1997b:51).

Verifica-se que aplicadas à análise do espaço turístico as teorias propostas por Santos para o estudo da estrutura sócio-espacial darão conta de apreender o dinamismo existente em sua complexidade, tanto no que se refere à identificação dos elementos do espaço em questão e sua interação, onde até um determinado período da história os elementos homem, firma, infra-estrutura e meio ambiente não refletiam quase nenhuma relação com o elemento instituição e em que o relacionamento homem e meio ambiente, somando o elemento infra-estrutura nesta relação, era algo muito forte, quanto na aplicação das categorias de análise (forma, função, estrutura e processo) propriamente ditas. Uma vez que, diante das transformações que esta localidade vem sofrendo desde que se tornou área de proteção ambiental – portanto impedida de desenvolver as atividades que durante toda sua história vinha desenvolvendo, baseadas na exploração de recursos minerais e vegetais desta região – uma nova estrutura entra em vigor com novas formas e funções às formas pré-existentes, agora voltadas ao turismo.

Análise da origem e evolução do bairro da Serra e a inserção da atividade turística – Resultados e discussões.

O bairro da Serra sofreu grandes influências da exploração de minérios, pois próximo, e até mesmo em seus limites, se instalaram mineradoras como Lageado e Furnas. Estas mineradoras, por sua vez, também originaram aglomerações humanas, fundaram bairros que serviram de moradias para seus funcionários, mas que, no entanto, com a falência, devido à exaustão dos recursos, aproximadamente na década de 60, e proibições de funcionamento das mesmas após transformação de partes de suas áreas em Unidade de conservação (UC), foram também se desestruturando e sua população migrando para outras regiões, principalmente para o bairro da Serra e para outros municípios em busca de oportunidades de trabalho.

Os trabalhadores que migraram para o bairro da Serra também exerceram grande participação e influências na configuração atual do bairro. Diante do quadro de uma região quase que totalmente constituída de área de proteção, a solução encontrada pelos migrantes que no bairro da Serra se fixaram foi se dedicar direta ou indiretamente, em um primeiro momento, à agricultura e, depois da demarcação do parque, ao turismo, como monitores ambientais ou prestadores de serviços, que vão desde serviços de manutenção (como pedreiros, limpeza de terrenos, etc) ou cozinheiras, arrumadeiras e faxineiras. Alguns moradores continuaram com suas roças, mas em terrenos um pouco mais distantes do bairro da Serra.

O bairro da Serra em sua origem se estruturava por um pequeno pólo de cristalização (Lino, 1978a:68), definido pela Casa Grande que pertencia à família Mota (Dona Prudência Maria Rodrigues e seu esposo, Antonio da Mota, conhecidos como fundadores do bairro). Localizou-se próximo ao rio Betari em uma das áreas mais planas de seu vale, ou seja, área que naturalmente apresentava condições de habitabilidade, de se instalar pouco a pouco uma aglomeração humana, fator que pode ser confirmado com os sítios arqueológicos (como instrumentos que provavelmente povos indígenas, como os carijós, utilizavam em seu dia-a-dia), constatando que sua ocupação é bastante antiga.

Constituiu-se com predominância de casas de pau-a-pique, umas cobertas com sapé e outras com telhas do tipo “feitas nas cochas” (Figura 1) confeccionadas artesanalmente em olarias próximas ao bairro, que foram se estabelecendo de forma espontânea, diferentemente dos bairros originados em função da mineração que possuíam um padrão

construtivo, geralmente em tábuas de madeira e alvenaria de tijolos, em um sistema de zoneamento funcional e hierárquico⁵.



Figura 1: Moradia Rural do Bairro da Serra.

FONTE: Lino, C. Alto Vale do Ribeira arquitetura e paisagem. v.2. São Paulo: CONDEPHAAT, 1978a.

Segundo Lino (1978a:70), o bairro da Serra se classificava em um bairro “com aglomeração central, mas com predominância da dispersão construtiva no entorno desta” aglomeração. Ou seja, junto à casa grande havia um aglomerado de outras moradias, geralmente pertencentes à mesma família, mas havia também casas dispersas pelo bairro que eram ligadas por caminhos (trilhas) que, mais tarde, deram origem às ruas e projetos de ruas; uma vez que, ainda, não há ruas estabelecidas na margem esquerda do rio Betari, que divide o bairro, e, mesmo, na margem direita não há uma definição de critério de arruamento.

A disposição das casas no terreno tinha uma organização rural muito marcada, na “casa grande”, por exemplo, além da moradia, havia também corpos geminados para um tráfico de farinha⁶, curtime, e senzala para os escravos negros (Lino, 1980). As outras casas, que depois foram surgindo no bairro, também possuíam o quintal como algo bastante importante, ou seja:

a casa rural se caracteriza pela distribuição de funções (especialmente as de serviços) em várias construções independentes, dentro de um mesmo “espaço ocupacional” [...]. Poderíamos analisar este espaço ocupacional (ou terreiro), como um conjunto de 4 áreas interligadas pela casa propriamente dita. A área 1, área frontal da casa, funciona como local de recepção e de lazer [...] de uso coletivo. Ali brincam as crianças, conversam os adultos, chegam os visitantes e descansam, nos fins da tarde, os moradores. [...] A área 2, nos ‘fundos’ da casa, é dedicada aos serviços; [...], é a área mais utilizada do ‘terreiro’. Lá estão o banheiro, o tanque, o forno, o quaradouro, a bica d’água, o galinheiro, o tráfico de farinha [...], as tarimbas, o paiol e o engenho para alimentação dos pintos (curral de pintos). As áreas laterais

da casa, normalmente, se alteram como depósito de lenha, materiais de construção e pequena horta ou 'quintalzinho'. São áreas de menos circulação. [...]. Esse conjunto todo se dispõe seguindo, basicamente, as áreas planas, estrada e caminhos vicinais e os recursos hídricos [...] (Lino, 1980:30-34).

Outro fator que influenciou na configuração inicial do bairro da Serra foi a existência de cruzamentos de trilhas e as passagens e pouso de tropas pelo mesmo, pois o caminho, que veio a se tornar a estrada vicinal que liga Iporanga e Apiaí, cruzava o bairro.

Essas tropas, inicialmente transportando minério (especialmente o chumbo de Iporanga) movimentavam um grupo humano relativamente grande que estabelecia uma dinâmica comercial nos pontos de parada para pouso e descanso. Estes pontos de parada normalmente coincidem com locais onde já houvessem posseiros instalados, ativando-se neles uma pequena venda e, os freqüentes alambiques, tráficos de farinha e moendas para fabrico de rapadura. [...]. Neste último caso são exemplares os casos de bairros estabelecidos ao longo do rio Betari (Serra dos Mota, Passagem do meio, Bairro Betari, etc) que no princípio se criaram baseados em capuavas e no crescimento familiar e só se desenvolveram devido ao contínuo movimento das tropas (sic) (Lino, 1978a:73).

A estrutura familiar prevalecia no bairro, tendo como exemplo a família Mota, em uma miscigenação com a família Andrade que também vivia próximo à área, das quais descende quase que toda a população que ali vivia e que ainda, em maioria, vive. Todo o material de que necessitavam para sobreviver era retirado da natureza; suas casas, como demonstrado, eram construídas com materiais da floresta, e da terra, seus móveis, também, eram transformação da natureza, sua alimentação dependia da água, do solo, da vegetação e da fauna que ali existia, até seus instrumentos de trabalho eram também fornecidos pela fauna ali presente; a limpeza e o lazer eram diretamente ligados à água entre outras necessidades que eram supridas pelos elementos da natureza.

É importante destacar que a relação de troca existente até então era baseada quase que exclusivamente no escambo, ou seja, troca de mercadorias sem necessariamente o uso de moeda. O uso da moeda e o trabalho assalariado começaram a se manifestar na região somente com a instalação das mineradoras. Assim, as tropas que faziam as trocas tiveram papel fundamental na distribuição e

troca de mercadorias e nas relações sociais destas comunidades.

A instalação de mineradoras na região causou mudanças brutais no quadro econômico e cultural do bairro, pois instaurou o trabalho assalariado. No entanto, até hoje o sistema de escambo, mesmo que tímido, ainda existe no bairro da Serra; é comum um vizinho ou parente trocar com o outro sua produção, mesmo como um ato de amizade, mas que ainda mantém a forma tradicional de viver.

É importante também evidenciar que a abertura da estrada, que liga Iporanga a Apiaí em 1935, trouxe grandes impactos ao bairro da Serra. Esta estrada é indicada por todos os entrevistados não como uma “porta de entrada” de pessoas, melhoria na qualidade de vida e até turistas à região, mas como uma “porta de saída” da população local que, diante de maiores facilidades de locomoção e das “modernidades” que iniciaram seu aparecimento por ali, começaram a visualizar oportunidades fora do bairro e migraram para outras cidades maiores, na maioria para o trabalho em grandes plantações ou para a construção civil.

Esse processo de migração trouxe um período de grande decadência econômica ao bairro, pois a pequena agricultura que existia diminuiu ainda mais, levando sua população à degradação social e moral. Processo que somente foi amenizado com a instalação de igrejas evangélicas no bairro, que buscou organizar a comunidade.

A instalação de luz elétrica em 1977 também possibilitou que os moradores tivessem mais conforto em suas casas e acesso a maiores informações como o rádio e, em alguns casos, a televisão, mas a maior procura foi por produtos eletrodomésticos como secador de cabelo, que facilitava a vida de mulheres evangélicas que cultivavam longos cabelos.

No entanto, estes acontecimentos e novas possibilidades, que o bairro passou a ter acesso, não alteraram de forma significativa seu modo de viver, pois a maioria da comunidade não sofreu estes reflexos. Os reflexos da atividade turística, entretanto, e principalmente da demarcação do parque no final da década de 1980 trouxeram conseqüências irreversíveis praticamente à totalidade da comunidade.

Antes da inserção do turismo, a paisagem que se via no bairro da Serra eram casas de pau-a-pique cobertas com sapé ou telhas de barro envoltas por plantações diversas, uma vez que a agricultura era a base de subsistência desta comunidade.

Lino, que viveu na área no final e início das décadas de 70 e 80, respectivamente, e participou de todo o processo de demarcação do parque, relata que,

nesta época, em que ali vivia, não havia lotes; havia uma área de moradia e nas montanhas em volta tanto diretamente no vale do Betari, quanto em áreas adjacentes, havia áreas de plantio que funcionavam em sistema de terras coletivas: eles plantavam por um período aqui, depois cortavam outras áreas e mudavam suas plantações, deixando a primeira descansar, num sistema rural de estrutura familiar, sem associações ou um líder; era tudo coletivo, sem cerca alguma.

O que havia ali eram, em parte, terras devolutas, outra parte desde 1958 declaradas como parque, mas absolutamente, nunca tinha sido feito nada pelo parque, havia a notícia de que o governo tinha algo na área, mas a comunidade praticamente desconhecia isso, o parque não fazia parte do dia-a-dia da comunidade. A estrada era de péssimas condições e entre Eldorado e Iporanga também não havia asfalto, dificultando ainda mais o acesso, portanto naquela época não havia turismo quase que nenhum (sic) (Informação Verbal)⁷.

É importante registrar que, apesar de como foi relatado, não terem acontecido grandes alterações na estrutura desta comunidade até a demarcação do parque em 1986, desde a década de 1960, espeleólogos já freqüentavam o bairro da Serra em busca de conhecimento e aventuras nas cavernas; isso pôde ser verificado em entrevistas feitas com o proprietário da primeira pousada do bairro o senhor Vandir⁸, hoje, uma das maiores e melhor sucedidas, a Pousada da Diva, e, também, na seguinte passagem de Silveira (2001:65).

Os espeliólogos franceses que se hospedavam no Bairro da Serra logo travaram contato com alguns poucos moradores locais. Uma casa de pau-a-pique construída no terreiro do casal Vandir e Diva de Andrade passou a ser uma hospedaria. Alguns outros moradores, mateiros experientes, passaram a ser guias, trabalhando junto com os espeliólogos na identificação e exploração de cavernas. Estes moradores acabaram por pegar gosto pela atividade espeliológica e passaram inclusive a fazer parte de grupos de espeliologia que surgiram na época. Em 1964, no próprio Bairro da Serra, realizou-se o primeiro Congresso brasileiro de Espeliologia [...] (sic).

Ou seja, o movimento de visitantes, mesmo que timidamente, já vinha influenciando esta comunidade, mas a real efetivação desta influência só pôde ser sentida, com mais intensidade, a partir da demarcação do parque.

Assim, ao aplicar a teoria proposta por Milton Santos ao quadro estrutural, que até o momento foi descrito, ou seja, refletir sobre os elementos que formam este espaço e as categorias de análise do mesmo, percebe-se, até então, a grandiosidade da relação do elemento homem com o elemento meio ecológico; esse, o meio ecológico, apresenta tudo que o homem; que se constitui aqui do mateiro que explora a floresta em busca do palmito, do agricultor com sua agricultura de subsistência, cujo excedente era trocado por outros suprimentos necessários à sua sobrevivência, e do mineiro que, apesar de já assalariado, ainda não abandonara suas atividades agrícolas de subsistência; precisava para explorar e sobreviver.

Percebe-se também que, nesta estrutura, o relacionamento com o elemento firma, começara a existir, mas não como um elemento que produzia bens e serviços para a utilização destes homens, mas sim como uma forma de exploração do meio ecológico do qual estes homens, mesmo por meio das mineradoras, tiravam seu sustento, ou seja, a relação firma, meio ecológico e homem também era bastante íntima, e o destaque ainda se baseava no meio ecológico.

Corroborando com isso, a relação homem e infra-estrutura também era focada naquele elemento – meio ecológico, pois tornava-se difícil dissociá-los, uma vez que a infra-estrutura existente se resumia em casas de moradia levantadas a pau-a-pique com fossas negras para os resíduos, construídas quase que por instinto, pois não havia nenhum suporte técnico que orientasse essa comunidade. O lixo era enterrado ou incinerado já que quase totalmente orgânico, ou seja, materiais para a constituição desta infra-estrutura eram retirados da própria natureza ou, em outros casos, a natureza se configurava praticamente como a “infra-estrutura existente”.

Os acessos eram feitos por trilhas, mudando um pouco este quadro com a abertura de uma estrada vicinal em 1935 e abrindo precedente para a instalação de água encanada na década de 40⁹ e, tardiamente, luz elétrica em 1977, o que se pode considerar a maior interferência no quadro precedente à inserção do turismo a essa realidade.

Quanto à relação com o elemento instituição, antes da demarcação do parque, era quase inexistente, pois neste período, ali “não havia norma

alguma”, ou os que ali habitavam não as conheciam. Ninguém era dono de nada, ou seja, chegavam a um terreno, ali se fixavam, construíam suas casas, faziam suas roças e permaneciam por anos e anos, utilizando-se destas terras como bem entendessem e desejassem sem que alguém reclamasse.

No entanto, desde a década de 1940, mesmo que a população que ali habitava não soubesse ou imaginasse, membros de firmas e instituições, que freqüentavam a região, já manifestavam preocupações com a mesma. Preocupações que vieram a ocasionar a transformação de partes da região em Unidade de Conservação no final da década de 50.

Todavia, como também já se apresentou, a transformação da área do bairro em UC por um período de aproximadamente 25 anos não alterou em praticamente nada a estrutura em que vivia a comunidade do bairro da Serra e firmas que ali ou na região atuavam na exploração de minério. Somente após a metade da década de 80, mais precisamente durante e após a delimitação do PETAR, a forma como esta comunidade vivia e atuação de empresas, que exploravam recursos naturais na região, sofreram interferências que alteraram por completo a estrutura que constituía aquele espaço.

Assim, por ocasião da demarcação do parque, mudanças mais rápidas começaram a acontecer; diversos conflitos se sucederam; principalmente, pela questão de posse das terras, uma vez que ninguém possuía documentação de posse das mesmas. Silveira (2001:70) relata que “no período as ações da polícia florestal começaram a se intensificar em Iporanga. Fecharam as minerações, fecharam-se as fábricas de palmito da região. Os únicos empregos assalariados que restaram na cidade foram os cargos públicos e incipiente comércio”.

Com a população do bairro da Serra este processo foi ainda mais doloroso, pois a mineração Furnas que, apesar de falida, havia sido vendida a outro empresário, alegava ser dona de todas as terras do bairro da Serra e segundo Lino relatou em entrevista, “havia também pessoas que se diziam herdeiras das terras de grandes proprietários que grilaram terras por lá, mas basicamente havia as posses dos moradores, ninguém possuía títulos e não havia uma divisão física” (Informação verbal).

Esse quadro, descrito acima, obrigou a equipe que então demarcava o parque a tomar providências no sentido de ajudar a comunidade local, elaborando junto aos mesmos um processo coletivo de usucapião e fazendo um “acordo de cavalheiros”, ou

seja, informal, pelo qual uma parte das terras do bairro, nas que havia casas de moradia e uma pequena parte de área de plantação, que pertenciam ao parque, seria “desafetada”¹⁰ para que todos colaborassem com o processo e assim fosse resolvida parte da questão fundiária do parque (Silveira, 2001). Este processo veio se estendendo até o segundo semestre do ano de 2005, ou seja, aproximadamente, 20 anos, quando então o bairro da Serra deixou de fazer parte do parque.¹¹

É importante analisar essa questão da mudança de terras coletivas para lotes titulados, pois foi fundamental na nova estrutura organizacional do espaço. Em uma nova estrutura, de área protegida e entorno, em que apesar de ter suas terras tituladas, mas que, no entanto, não lhes dava o direito de utilizá-las como bem entendessem, a comunidade do bairro da Serra tinha como opção o turismo e o estímulo da equipe de implantação e administração do parque para o desenvolvimento do mesmo, por meio da divulgação da atividade, uma saída na geração de renda e sustento daquela população.

No entanto, como se observou no discurso de muitos moradores entrevistados e já relatados aqui, os mesmos não possuíam fundos para investir na atividade, uma vez que, como evidenciado, praticamente só havia no bairro o sistema de escambo, sendo mínimo o trabalho assalariado e negociações monetárias. E este fator somado a, muitas vezes, não-credibilidade no turismo, uma atividade que não fazia parte do cotidiano da maioria, ou, mesmo, em um momento de incerteza sobre o que iria acontecer, e, também, como foi relatado por Lino em entrevista, à questão da vontade de mudar de vida com aquele dinheiro, proveniente da venda dos terrenos, que fora dali não teria tanto valor, mas que eles nunca tinham possuído o que lhes dava a expectativa de uma vida melhor em outros lugares, levou muitos moradores a vender suas terras a pessoas de fora da região, principalmente as posses.

A chegada repentina de tantos turistas, como se pode imaginar, trouxe inúmeras conseqüências para os moradores do Bairro da Serra. Uma das primeiras foi a venda das terras. Com os títulos regularizados, no início do boom do turismo, muitos moradores venderam seus terrenos para pessoas de fora, pessoas estas com interesses diversos: uns com intenção de morar no local, a maioria de fazer casas de veraneio, e uma minoria, ainda com intenção de montar negócios no local. (Silveira, 2001:73)

Silveira (2001:73-74) ainda completa destacando que “o termo consagrado hoje no Bairro

para caracterizar essas primeiras transações, [...], é *preço de banana*” destacando que “este processo não ocorreu nos bairros onde o turismo não estava presente”.

É perceptível no discurso de uma empresária que investiu no bairro que na época em que a mesma adquiriu seu terreno e montou uma pousada (1989), os lotes, aproximadamente de 900 m², eram vendidos por valores muito baixos e que, por volta de 1992, em que a procura começou a ser muito grande, o m² passou a ser mais caro que na Avenida Paulista na capital do Estado. Houve também a venda do mesmo terreno para duas ou mais pessoas, o que trouxe alguns conflitos que somente foram resolvidos com a intervenção repressiva do parque¹².

O processo de venda de terrenos fica muito claro quando se observa a área do bairro que está na margem direita do rio Betari, em que é destacada a concentração de aproximadamente 29%, 636.944,57 m², das terras consideradas dentro dos limites do bairro da Serra pelo Instituto de Terras de São Paulo (ITESP), 2089.641,00 m², distribuídas em sete glebas e nas mãos de quatro proprietários ou grupos de associados, todos residentes em outros municípios, e que guardam um histórico de visitação como espeleólogos e pesquisadores da região no período de parcelamento dos terrenos, um deles proprietário da pousada mais luxuosa do bairro; e o restante dividido em glebas de 38,70 a 48.000,00 m², predominando as de menores tamanhos.

Na área que está na margem esquerda do rio Betari, os terrenos permaneceram em maiores tamanhos e pode-se encontrar diversos moradores nativos com glebas superiores a 50.000,00 m². Neste lado do bairro, este processo, de concentração de terras nas mãos de pessoas externas à comunidade do bairro da Serra, não aconteceu provavelmente pela inexistência de infra-estrutura básica, como acessos, assunto que será mais bem apresentado no decorrer do trabalho.

Este processo de parcelamento e venda dos terrenos causou um grande mal-estar entre parque e comunidade, pois fez com que administradores e Instituto Florestal (IF), diante da situação e da ameaça de urbanização da parte do bairro, que ainda oficialmente fazia parte do parque, área que possuía a maior quantidade de terra ainda não construída e negociada com pessoas de fora do bairro, se vissem obrigados a manifestar-se contra tal situação, ignorando o acordo informal feito por ocasião da demarcação do parque. Assim, muitas obras que haviam sido começadas foram embargadas e, com isso, muitos empreendedores de outras regiões desistiram do negócio. O que “[...] deflagrou um enorme conflito entre a administração do PETAR e

diversos outros atores que vinham sendo parceiros do Instituto Florestal e que se viram prejudicados pelo embargo repentino” (Silveira, 2001:194).

Embora acordos tenham sido negociados, nenhum foi concretizado, o que ocasionou grande influência na paisagem do bairro, pois, ainda hoje, pode-se verificar construções iniciadas e abandonadas, inclusive construções que parecem ter sido idealizadas para ocuparem a função de meios de hospedagem, o que causa um aspecto de feiúra e desorganização espacial. Para agravar ainda mais a situação, muitas destas construções estão atualmente sendo ocupadas como moradias improvisadas o que prejudica os aspectos paisagísticos do bairro.

Aquela mesma empresária, que relatou sobre a relação das vendas de terrenos, teve uma obra de expansão de seu empreendimento embargada por dez anos, o que lhe ocasionou um prejuízo diante da concorrência que se localizava em área que não pertencia ao parque, pois suas instalações não eram mais suficientes e, em seu julgamento, não atendiam todas as aspirações de seus clientes, que, no entanto, não puderam ser melhoradas.

Todavia, esta empresária compartilha da idéia de que algo deveria mesmo ter sido feito para conter aquela situação, pois ao questioná-la sobre quais os motivos que, na época levaram estes moradores à venda de seus terrenos, referida empresária destaca que era curioso ver casas de pau-a-pique com antenas parabólicas e muitos automóveis parados no bairro, pois a primeira coisa que compravam com o dinheiro da venda dos terrenos era uma televisão e um automóvel, ainda que não fossem habilitados para dirigir, ou seja, vendiam seus terrenos para adquirir coisas que não faziam parte de seu cotidiano e, que por isso, muitas vezes até desnecessárias.

Logo, em uma nova estrutura, agora com o elemento instituição presente ditando a regra na qual o meio natural deve ser protegido, e em que sua função de provedor do sustento e de todas as necessidades daquela comunidade, por meio da exploração de seus recursos, deve ser substituída por outra função, no caso a preservação e uso turístico, novos modos de viver se manifestaram e novas formas precisaram ser criadas para atender a estas novas necessidades que surgiram.

O homem, já não é mais o mateiro, agricultor ou minerador, agora sua atividade deve ser o turismo que lhe oferece a função de monitor ambiental, proprietário de meio de hospedagem, cozinheira, quituteira, funcionário do parque, entre outras; novidades que são duramente “digeridas” pelo mesmo.

As divisas advindas desta nova função ou, mesmo, da venda de seus terrenos, o faz adquirir novos objetos e os que já possuía deixa de ter o mesmo valor ou são adaptados para suas novas necessidades. Firmas em busca destas divisas geradas pelo turismo começam a ser implantadas e até mesmo a concorrência entre elas começa a aparecer; e a infra-estrutura, que até então era suprida pelo próprio meio ambiente, passa a ser insuficiente, tanto ao novo paradigma ideológico, da busca do conforto pela negação do antigo, adotados pelo homem, quanto pelas necessidades reais da nova estrutura que se desenhava.

Portanto, a partir da década de 80, o turismo começa a se desenvolver de forma desordenada e se concentra no bairro da Serra, uma vez que se constitui na área mais próxima ao núcleo Santana, considerado o núcleo turístico de melhor infra-estrutura do parque, mesmo que em ranchos de pau-a-pique como já apresentado.

O rancho de pau-a-pique do senhor Vadir, morador local que, desde 1968 era utilizado para hospedar espeleólogos, tendo sido até rancho sede da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), sofreu estruturações até que foi inaugurado, aproximadamente no final da década de 80 e início de 90, com um edifício de alvenaria especialmente construído com a função de pousada, transformando-se em “Pousada da Diva”. Esta pousada, hoje, pode ser considerada, diante do quadro regional, um complexo hoteleiro contando com seis blocos de hospedagem, com capacidade para hospedar 180 pessoas, um grande refeitório e cozinha bastante equipada, e uma área de entretenimento com mesas de bilhar.

Em 1989 inaugura-se a segunda pousada, Pousada Rancho da Serra, de propriedade de uma bióloga de São Paulo que, sentindo carência em meios de hospedagem para seus alunos na Serra, aproveitou a oportunidade de negócio. Em 1992, uma pousada mais luxuosa é inaugurada no bairro, Pousada das Cavernas, apresentando equipamentos como sauna, piscina natural, minibar, entre outros; estruturas bastante desconhecidas aos moradores locais, mas que trouxe um público mais exigente também para o PETAR.

Assim, o fluxo de turista aumentava a cada dia e os visitantes chegavam a pedir pouso ou pelo menos o quintal de moradores locais para que pudessem acampar em feriados e fins de semana. Com isso o número de pousadas e áreas para *campings* foram aumentando e a estrutura física destas casas também se alterando para atender às necessidades dos visitantes, muito bem acolhidos

pela comunidade, já que se constituíam, em praticamente, suas únicas fontes de renda.

A Pousada Idati foi um destes casos: a proprietária vivia em uma casa de madeira com a família e começou, aproximadamente, há nove anos uma construção em alvenaria, já neste novo contexto em que o bairro vivia e as construções mais típicas da região estavam sendo substituídas por alvenaria, que seria sua nova moradia; mas em um feriado prolongado, entretanto, em que as pousadas, até então existentes no bairro, não foram suficientes para alojar todos os visitantes, alguns turistas pediram a ela para acamparem em seu quintal e outros para se alojarem em sua construção, assim levando-a a perceber uma oportunidade de negócio¹³. Dona Idati continuou vivendo na casa de madeira com a família, onde adaptou um refeitório, e deixou a casa de alvenaria para as instalações da pousada, construiu outras instalações também para receber visitantes.

Assim, atualmente, o bairro da Serra pode ser considerado a área que mais concentra serviços turísticos próximo ao PETAR e, por isso, atende ao maior número de visitantes, principalmente após o fechamento da área de *camping* do parque em 2003.

É importante destacar que este processo de mudança, da exploração dos recursos naturais para preservação destes e uso turístico, não alterou somente a paisagem, e que essa mudança de paisagem não se desenvolveu isoladamente; o homem social também se modificou, influenciando assim sua paisagem. O mateiro e mineiro, que conheciam a área como ninguém, se tornam funcionários do parque ou monitores ambientais (guia de turismo), suas esposas cozinham ou trabalham como faxineiras nas pousadas, o agricultor abriu um bar, aos poucos foi se estruturando um pequeno comércio no bairro; os que não trabalhavam diretamente com o turismo e não se mudaram para outras cidades – processo que já vinha acontecendo mesmo antes da criação e delimitação do parque, mas que se intensificou com as restrições ambientais – partiram para a construção civil, construíram pousadas e novas casas.

Segundo Silveira (2001:184), muitos destes moradores hoje são funcionários do PETAR. Por meio do turismo conseguiram um *status* social, ou “acumular capital simbólico” [...] de uma maneira que talvez não conseguiriam se o bairro permanecesse com características agrícolas.

Maria Sílvia¹⁴, historiadora que representa uma das organizações do bairro, freqüentava o mesmo desde 1985, aí fixando residência em 1989, afirma ter sido por meio da vinda de turistas e das

divisas que geram este movimento, que muitos moradores acabaram modificando suas casas.

Os mateiros e agricultores transformaram-se em monitores ambientais; antes, ganhavam uma quantia como R\$10,00 para carpir uma quarta ou uma lomba, hoje, ganham R\$ 50,00 até R\$ 80,00, por dia, e se trabalhar na sexta, sábado e domingo acabam tendo um ganho razoável perto do que ganhavam antes, que era praticamente nada, podendo assim construir suas casas de alvenarias (sic) (Informação Verbal).

Assim, a renda em moeda oficial advinda do turismo somada às influências da convivência com o turista em ambientes, como em pousadas de estrutura física mais luxuosa do que eram acostumados, bem como dos objetos como a televisão que puderam adquirir com seus rendimentos, trouxeram outras necessidades a esta comunidade. “O turismo destruiu relações antigas, criou novas relações dos moradores entre si e com atores externos e novos parâmetros de *status social*” (Silveira, 2001: 191).

Clayton Lino, em entrevista, relata que

entre a década de 80 e 90 a arquitetura do bairro deixou ser uma arquitetura típica e passou para o tijolo, ou seja, de pau-a-pique a tijolo (blocos de concreto) com laje, nem produto da história deste povo, nem os bons exemplos trazidos de fora com outros materiais e técnicas. Isso degradou visualmente o bairro, e trouxe à população muitas perdas em termos de conforto térmico, enfim em qualidade, a distribuição espacial deixou de ter influência histórica e característica da estrutura rural, tudo isso foi alterado (sic) (Informação verbal)”¹⁵.

Maria Sílvia indica que essa mudança aconteceu devido à busca, pela comunidade, de *status* e de mais conforto, segundo o padrão que julgam ser “conforto”, mesmo que enganoso, porque as telhas de amianto são extremamente quentes e proliferadoras de bactérias. O bloco de cimento também é extremamente quente se não é revestido, como ocorre em grande parte das casas do bairro. Esta historiadora faz referência, como também foi indicado pelo proprietário da pousada da Diva¹⁶, à questão da limpeza e maior facilidade de conservação das casas de alvenaria.

Convivendo com esta nova realidade, e, mesmo, paisagem do bairro da Serra, em que as pousadas e casas de veraneio de turistas surgiam, os beneficiários locais do turismo, com os lucros advindos desta atividade, e aqueles que não estavam

diretamente ligados ao turismo, mas que pela venda de seus terrenos conseguiram uma certa quantidade de dinheiro, começaram a substituir suas casas de pau-a-pique por casas de alvenaria.

A necessidade de toda esta infraestrutura [para se realizar o turismo], aliada à maior circulação de dinheiro no bairro, à venda de muitos terrenos a turistas e a uma política que desvaloriza as práticas locais anteriores ao turismo favorecem, portanto, a mudança abrupta da fisionomia do bairro. A primeira metade da década de 1990 caracterizou-se pela construção e reforma incessante de casas por todo o bairro da Serra, primeiramente ao longo da estrada e em escala mais lenta do outro lado do Rio Betari, próximo ao Núcleo Ouro Grosso, onde não havia acesso por carro. (Silveira, 2001:193 – adaptação nossa)

Silveira (2001:166) destaca que em 2001 havia aproximadamente 110 casas espalhadas pelo bairro da Serra. Segundo moradores entrevistados, desde que o turismo começou a se manifestar no bairro não houve muita alteração no número de casas, mas sim na forma como elas se dispõem, ou seja, houve uma mudança na paisagem. Maria Sílvia relata que o que houve foi a alteração de casas de pau-a-pique para casas de alvenaria e em maiores dimensões (tamanhos). A maioria, casas mal acabadas devido à não-estabilidade das rendas advindas do turismo e, conseqüente, falta de recursos para terminá-las ou, ainda, porque as construções estavam embargadas por se localizarem em área pertencente ao parque.

Outro fator que a historiadora aponta é a aderência de uma casa de pau-a-pique à paisagem natural e o contraste que uma casa de alvenaria coberta com amianto faz com o ambiente natural, principalmente em áreas que apresentam um relevo como o do bairro, em que casas muitas vezes são construídas nos morros, conformando em tipologia de subabitação.

É importante observar que a impressão que os moradores têm de que o número de casa não sofreu grandes alterações se dá devido à base de formação do bairro, como já discutido: a estrutura familiar. Como verificado em trabalho a campo houve um aumento no número de casas para aproximadamente 200 casas, mas estas se concentraram no mesmo espaço em que as casas preexistentes se espalhavam pelo bairro. Os filhos fixam-se no terreno dos pais; por exemplo, em uma gleba de 7.465,06 m² se concentram oito edificações, uma do proprietário e o restante de seus filhos. A exceção ao quadro descrito é feita somente por algumas residências de turistas, que permanecem fechadas sendo utilizadas somente

em feriados e períodos de férias, pelos equipamentos turísticos e por alguns pontos de comércio de empreendedores que visualizaram oportunidades no bairro.

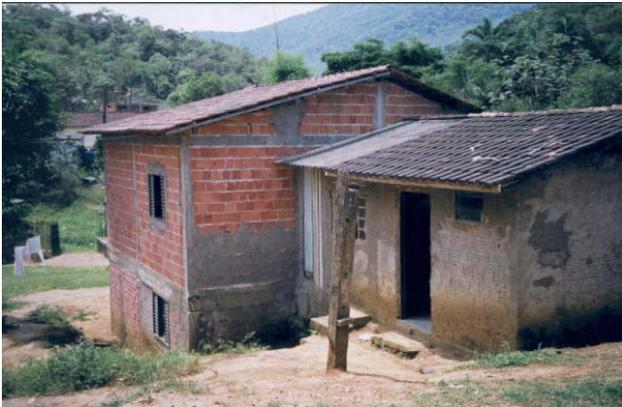


Figura 2: Casas construídas sobre o morro e mal acabadas. FONTE: Arquivo pessoal (Pesquisa de Campo, novembro, 2005)

Silveira (2001: 182) afirma que “o percentual das casas cujos moradores não possuem consangüíneos ou afins de famílias antigas no bairro é de 20% [...]”, ou seja, por mais que diversos fenômenos sociais venham influenciando a configuração da paisagem e estrutura do bairro da Serra, a estrutura familiar ainda é predominante e mesmo o turismo com todos os impactos que causa a está área não interfere neste processo.

No entanto, outro fator, que também evidencia o aumento no número de casas no bairro da Serra, é a questão da verticalização das construções. Por isso se fazia importante toda a discussão sobre a questão da terra anteriormente, uma vez que a partir da titulação dos moradores, estes começaram a construir casas e mais casas em pequenos lotes, já podendo-se observar “esmagados” dentre pequenas casas, edifícios de dois andares.

Percebe-se, analisando as situações descritas, que dois são os motivos que levam pessoas a verticalizarem suas moradias; a falta de espaço devido ao acúmulo de casas no centro de cristalização do bairro ou nos terrenos dentro da estrutura familiar já discutida (como se verifica na Figura 3, casas que não respeitaram e continuam sendo construídas sem respeitar o traçado de ruas e limites de passeio), e o desejo de ser mais um empreendedor em turismo.

Esse processo de construção de casas onde bem se entende traz um problema estrutural gravíssimo ao bairro, pois como não respeitam o arruamento e as linhas de passeio, estradas são construídas em locais que não são ideais para isso,

ruas localizam-se próximas de córregos, o que acarreta uma série de problemas, como erosão, contaminação das águas, entre outros, fator evidente na estrutura da planta do bairro. Lino destaca que, neste processo, os espaços públicos são os mais prejudicados, as que existem são construídos com matérias de má qualidade e desprovidas de qualidade urbanística (Informação verbal)¹⁷.



Figura 3: Processo de verticalização e de acúmulo de casas em um terreno. FONTE: Arquivo Pessoal (Pesquisa de Campo, novembro, 2005)

É importante destacar que o bairro da Serra abriga duas paisagens distintas dentro de seus limites. Uma, do lado direito da margem do rio Betari, a qual é referenciada na maioria das considerações deste trabalho, e outra, na margem esquerda do rio, uma paisagem que, apesar de também sofrer influência do turismo e do centro de cristalização do bairro, ainda se conserva o mais próxima ao natural.

Deste lado esquerdo do bairro, não há acessos que possibilitem a passagem de automóveis, já houve iniciativas de construção de pontes que liguem as margens do rio e possibilitem a instalação de infra-estrutura na margem esquerda do mesmo, todavia, segundo a comunidade local, foram interrompidas e não concluídas. Também este lado do bairro, apesar de já previsto em projetos, não possui arruamento definido; seus acessos se constituem em trilhas mais alargadas e a estrutura de ocupação dos terrenos, como na margem direita, é de predomínio familiar. Não há grandes aglomerações de casas, como do outro lado do rio, ou seja, as casas estão mais dispersas e é possível ainda encontrar casas antigas construídas em madeira e a pau-a-pique.

No entanto, pode-se perceber o crescente número de casas de alvenaria, como na margem direita do rio, principalmente construídas juntamente às antigas casas que ainda são utilizadas como cozinha devido ao uso do fogão à lenha o que

também se verifica na margem direita do bairro como pode ser observado na Figura que segue.



Figura 4: Casa mais antiga do bairro que hoje só é utilizada como casa do fogão a lenha e seus proprietários moram em casa de alvenaria nos fundos. FONTE: Arquivo Pessoal (Pesquisa de Campo, novembro, 2005)

É notável que a influência do turismo e da ascensão financeira, que essa atividade trouxe a alguns moradores e aos aspectos paisagísticos do lado direito da margem do rio, traz muitas influências à parte que se localiza na margem esquerda; no entanto, há que se admitir que nesse lado, devido talvez à dificuldade de acesso e à maior fiscalização do cumprimento da lei por parte do parque, uma vez que fazia parte do parque até setembro de 2005, ou, mesmo pela falta de infraestrutura de recepção de visitantes no núcleo Ouro Grosso, que tem sua entrada principal na nesta parte do bairro, acarretou que esta influência acontecesse causando menores transformações na paisagem e na forma de viver de sua comunidade.

Mesmo ao abordar para entrevista um morador da margem esquerda do Betari pode-se perceber essa diferença; este se revela menos à vontade para responder às perguntas e alega não possuir muito contato com o turismo e, muitas vezes, com o outro lado do bairro, mais urbanizado e voltado ao turismo.

Para ilustrar essa argumentação a respeito da influência que está presente, apesar de menor nesta área do bairro, a Figura 5, mostra uma residência em dois momentos, na versão pau-a-pique e, após alguns anos, o novo edifício em alvenaria.

Sua proprietária, diz não ter nenhuma ligação com o turismo, mas da mesma forma como na margem direita do rio, em que as pessoas reformaram suas casas, ela também gostaria de melhorar sua moradia; por isso construiu a nova casa de alvenaria no lugar da antiga de pau-a-pique com o auxílio financeiro da filha que é professora, alegando ser mais fácil sua manutenção e maior sua

durabilidade, trazendo desta forma mais conforto à família¹⁸.



Figura 5: Alterações nas residências. FONTE: Comunidade local/ Arquivo pessoal (Pesquisa de Campo, novembro, 2005)

Portanto, os rendimentos adquiridos em atividades não-turísticas e mesmo fora do limites do bairro, no caso moradores que emigraram e enviam dinheiro a seus familiares que permanecem no bairro, também fazem parte das fontes utilizadas para as mudanças nas edificações do bairro.

No entanto, a evolução da paisagem edificada do bairro da Serra não foi acompanhada, de forma perfeita, pela infra-estrutura básica urbana, nem mesmo o fluxo e aglomeração de empreendimentos turísticos, o que tem sido considerado um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento do turismo sustentável no bairro e para o alcance de uma verdadeira qualidade de vida pela população local, como, por exemplo, a inexistência de coleta e tratamento de esgoto no bairro, sistema viário deficitário, que, mesmo com o advento do turismo não sofreu melhorias consideráveis; as principais vias que dão acesso aos atrativos estão quase intransitáveis.

Assim, há uma dicotomia entre preservação e desenvolvimento: os moradores locais querem que o turismo cresça cada dia mais, mas, por outro lado, já existe uma consciência de que é necessário que aconteça uma intervenção para que esse patrimônio se conserve e sirva para outras gerações no

provimento de condições de sobrevivência no bairro.

Considerações Finais

Tomando como “pilar” a teoria de Santos, entende-se que a paisagem do bairro da Serra apresentava uma determinada forma no passado porque exercia uma determinada função, ou seja, voltada à vida rural em que o homem era subordinado à natureza. Passou a ter outra forma, porque também passou a exercer outra função, agora voltada à atividade turística. Portanto, a diversidade da natureza, agora totalmente construída, caracteriza-se como uma construção social em que o material para sua edificação é social, ou seja, sua forma não é mais ditada pela sua presença na natureza, e isso, evidencia como, cada vez mais, a vida da comunidade local do bairro da Serra está se distanciando da natureza em que está inserida.

Entretanto, o bairro da Serra é uma área de ocupação antiga que guarda a herança de povos, onde são vistos não só os traços físicos de sua população, mas também a forma de organizar o espaço em que vivem. Do ponto de vista do comportamento ainda guarda características de uma sociedade pré-capitalista, destoando da realidade brasileira em que aproximadamente 81% das pessoas vivem em áreas urbanas, o que deixa clara a importância que a natureza tinha na determinação da forma de viver desta comunidade.

Todavia, a partir de que a maioria da sociedade torna-se capitalista e tudo é mercantilizado, esta área, apesar de aparentar certo isolamento, também é exposta ao sistema e seus recursos naturais, por meio do turismo, passam a ser vendidos como uma mercadoria.

Logo, o turismo vem exercendo grande influência não só na estrutura física do bairro, mas

principalmente na sua estrutura social que, conseqüentemente, agirá na configuração daquela. Por meio das rendas advindas desta atividade, a comunidade local buscou mais conforto modificando suas casas de pau-a-pique para casas de alvenaria, pois, em seus padrões particulares, esse tipo de moradia era o paradigma de edificação confortável, moderna e que lhes traria algum *status* social. Esse processo, como uma corrente ideológica, se alastrou por todo o bairro, atingindo mesmo os que não participavam diretamente do turismo.

Ou seja, na medida em que novos valores foram introduzidos com o incremento do turismo, uma nova visão social foi adotada, o trabalho, antes voltado à natureza, não se contrapôs a ela, mas, no entanto, começou a encará-la de outra forma. O trabalho junto a mesma agora deve ser condicionado ao usufruto sustentável.

Entretanto, a realidade (Estrutura) que se encontra no bairro da Serra, se contrapõe ao modelo descrito; e esta contradição foi determinada pela não preparação da comunidade local para o turismo; o turismo foi imposto a ela sem ao menos uma orientação técnica e jurídica de como desenvolvê-la, ocasionando, assim, um crescimento desordenado que acabou acarretando problemas estruturais ao bairro, como a construção de casas em locais não-adequados e a falta de infra-estrutura suficiente para proporcionar segurança, dignidade, enfim, qualidade de vida àquela comunidade e, mesmo, ao sistema turístico que ali se estabeleceu de forma dissonante à modalidade de turismo adequada, o ecoturismo, e a padrões de qualidade de serviços e instalações.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar a análise do assunto investigado, mas sim, abrir um leque de reflexões para novos estudos.

Referências Bibliográficas

- Lino, C. F. 1978a. *Alto Vale do Ribeira arquitetura e paisagem* v.1. CONDEPHAAT, São Paulo.
- Lino, C. F. 1978b. *Alto Vale do Ribeira arquitetura e paisagem*. v.2. CONDEPHAAT, São Paulo.
- Lino, C. F. 1980. *Bairro da Serra: Estudo sobre um bairro Rural de Iporanga – Vale do Ribeira – SP*. Trabalho realizado dentro da Disciplina: Bairros Rurais do curso de Mestrado em Geografia. Departamento de Geografia. FFLCH/ Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Rodrigues, A. B. 1997. *Turismo e Espaço: Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. Hucitec, São Paulo.
- Santos, M. 1997a. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Hucitec, São Paulo.
- Santos, M. 1997b. *Espaço e método*. 4. ed. Nobel, São Paulo.

Silveira, P. C. 2001. *Povo da Terra, terra do parque: A presença Humana e conservação da Floresta no PETAR/SP*, Campinas, UNICAMP- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

Fluxo editorial:

Recebido em: 11.05.2008

Enviado para avaliação em: 12.05.2008

Enviado para correção à autora em: 13.06.2008

Enviado para correção ao autor em: 23.06.2008



A *Pesquisa em Turismo e Paisagens Cársticas* é uma publicação da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SeTur/SBE). Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

www.sbe.com.br/turismo.asp

- ¹ Este trabalho se constitui parte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado defendida em agosto de 2006 pela autora, que conta com outros objetivos além do exposto neste artigo.
- ² Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG, Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI e Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”/UNESP/Campus de Rio Claro/SP. Atualmente é docente do curso de Turismo da UNESP/Campus de Rosana.
- ³ O PETAR é uma unidade de conservação localizada na região do Vale do Ribeira, abrangendo parte dos municípios de Apiaí e Iporanga, bastante procurado por visitantes e pesquisadores por conservar remanescentes de Mata Atlântica e uma das maiores concentrações de cavernas do Brasil.
- ⁴ O PETAR, criado em 1958 e delimitado a partir de 1983, foi dividido em quatro núcleos administrativos (Núcleo Santana, Ouro Grosso, Caboclos e Casa de Pedra), uma prática desempenhada em vários parques para que a vigilância e a segurança fossem facilitadas (Silveira, 2001).
- ⁵ “Havia basicamente três aglomerações distintas interligadas por estradas internas: a área da mina, oficinas e almoxarifados; área de casas dos trabalhadores; e área da administração e casas dos chefes de seção” (Lino, 1978a:84).
- ⁶ Local onde era produzida a farinha de mandioca.
- ⁷ Informações obtidas por meio de entrevista realizada em fevereiro de 2006.
- ⁸ Entrevista concedida em agosto de 2005. O senhor Vandir veio a falecer no ano de 2006.
- ⁹ Informação levantada junto à comunidade local, pois não foi fornecido dado oficial do órgão responsável pelo serviço no bairro.
- ¹⁰ Processo pelo qual parte do parque deixa de ser unidade de conservação, em contrapartida é anexada outra área ao mesmo.
- ¹¹ Em 16 de setembro de 2005 a Lei Estadual nº12.042 desafetou a área do bairro que fazia parte do parque.
- ¹² Informações coletadas em entrevista em novembro de 2005.
- ¹³ Informações coletadas com a proprietária em entrevista em Novembro de 2005.
- ¹⁴ Leitura feita pela pesquisadora de informações coletadas em entrevista em novembro de 2005 e já citada neste trabalho.
- ¹⁵ Informações coletadas em entrevista em fevereiro de 2006.
- ¹⁶ Informações coletadas em entrevista com o Senhor Vandir Andrade em novembro de 2005.
- ¹⁷ Clayton Lino, além de presidente da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e ter morado no bairro é Arquiteto. Informações coletadas em entrevista em Fevereiro de 2006.
- ¹⁸ Leitura de informações coletadas em entrevista realizada em novembro de 2005.